



## Apresentação

Desde o século XVI e de modo contínuo, a literatura portuguesa evidencia um componente historiográfico. Ao ponto alto que representaram *Os Lusíadas*, seguiram-se, na esteira do poema de Luís de Camões (1524?-1580?), as epopeias de fundo histórico transcorridas entre a África e a Ásia, e assinadas por Jerônimo Corte Real (1530?-1588), *O naufrágio do Sepúlveda e Sucesso do segundo cerco de Diu*, de Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco (15??-16??), *Afonso Africano*, e de Francisco Sá de Meneses (1600?-1661/1664), *Malaca conquistada*, de 1634. No século XVIII, Basílio da Gama (1740-1795), com *O Uruguai*, de 1769, e Santa Rita Durão (1722-1784), em *Caramuru*, de 1791, mudaram o foco épico para episódios vividos no Novo Mundo, mas, na abertura do século XIX, ainda José Agostinho de Macedo (1761-1831), com *O Oriente*, de 1814, relembra os acontecimentos que conduziram Vasco da Gama (1468/9-1524) às Índias.

Não surpreende que, no século XIX, o romance e o drama históricos tenham alcançado acolhida favorável em terras lusitanas, praticado o primeiro principalmente por Alexandre Herculano (1810-1877), o segundo por Almeida Garrett (1799-1854). E que essa tradição tenha sido retomada com tanto vigor por romancistas atuantes desde as últimas décadas do século XX, como José Saramago (1922-2010) e Lobo Antunes (1944). Assim, a literatura portuguesa não apenas apresenta um desenvolvimento histórico, como se historiciza e reflete sobre a história.

Ao privilegiar os últimos duzentos anos da Literatura Portuguesa, este volume de *Nau Literária* traduz esses movimentos – o da transformação histórica que se converte em matéria da literatura, ao mesmo tempo em que essa

pondera sobre a história, reproduzindo-a, subvertendo-a ou transfigurando-a de modo imaginário, metamorfoseada neste caso em utopia. É com esses posicionamentos conflitantes e complementares que o leitor se depara, ao ler a ficção de Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Lobo Antunes e José Saramago.

Esse fator assinala o compromisso político da Literatura Portuguesa, que não se omite diante dos problemas sociais, como indicam obras de Camilo Castelo Branco (1825-1890), Júlio Dinis (1839-1871), João de Deus (1830-1896), Eça de Queirós (1845-1900), Antero de Quental (1842-1891), Guerra Junqueiro (1850-1923), Helder Macedo (1935) e Gonçalo M. Tavares (1970), aqui também examinados. De modo evidente ou alegórico, os escritores se posicionam, expressam o que se compreendem por seu ofício, discutem a identidade, a sexualidade, a nação.

Acompanhar os artigos publicados neste número especial da *Nau Literária* significa, pois, ter pela frente o percurso histórico de um projeto literário coerente e consistente, com muito a dizer a seus leitores e estudiosos.

**Profa. Dra. Regina Zilberman**  
(organizadora do número)